

Masculinidades plurais: a construção das identidades de gênero em obras literárias

Plural malehood: the construction of identities of gender in literary compositions

Pedro Vilarinho¹

pedrovilarinho@uol.com.br

Resumo. Este trabalho analisa a produção discursiva de um grupo de intelectuais piauienses que, nas primeiras décadas do século XX, orientaram sua escrita para uma ação definidora das identidades de gênero. O principal argumento se organiza em torno da idéia de que esta produção discursiva buscava oferecer parâmetros culturais que favorecessem, por um lado, o rompimento com uma mentalidade rural, fundada na oralidade, e por outro, o surgimento de novas práticas sociais lastreadas numa relação estreita com a cultura escrita, com as sociabilidades citadinas e com a escola, fatores que deveriam redefinir as identidades masculinas.

Palavras-Chaves: identidades, masculinidades, literatos.

Abstract. This study analyses the production of a group of piauiense writers that used, during the XX century, their writing as an strategy of action, in order to provide changes in the identities of gender. The goal of these writers was to make people change traditional practice and the rural mentality, based on a close relationship with the graphic culture, with the urban sociability and with the educational system, patterns that should redefine male identities.

Keywords: identities, malehood, writers.

¹ Professor do Programa de Pós-graduação em História da UFPI. Doutor em História - UFPE.

Ao observar textos escritos por literatos no final do século XIX e início do século XX, podemos perceber uma profícua produção discursiva sobre as identidades de gênero. As mudanças advindas com o fim da escravatura e com a implantação do regime republicano apontavam para novos padrões de comportamento social, nos quais os valores vinculados ao mundo tradicional e rural eram questionados, e novas formas de sociabilidades criadas pela racionalidade burguesa e veiculadas por uma cultura escrita procuravam se impor como norma à sociedade. As novas práticas acabavam por criar certa confusão entre as identi-

dades masculinas e femininas, dessa forma, era preciso que as identidades de gênero fossem significadas dentro de outros parâmetros, que as fronteiras entre o masculino e o feminino fossem definidas. Nessa perspectiva, podemos entender a preocupação dos literatos com as identidades de gênero.

A prática de escriturar as identidades de gênero faz-se presente nos trabalhos de Abdias Neves, Clodoaldo Freitas e Higino Cunha. Homens formados em Direito pela Escola do Recife no final do século XIX, que, voltando ao Piauí, passam a ter intensa atuação na sociedade. Por serem

homens com formação superior, procuram, a partir de uma prática discursiva, em forma de romances, crônicas e artigos em jornais, atuar sobre a sociedade, e definir comportamentos compatíveis para homens e mulheres. As obras desses literatos serão as nossas principais fontes na busca de mostrar como a masculinidade era problematizada e vivenciada em Teresina nas primeiras décadas do século XX.

As práticas escriturísticas (Certeau, 1996, p. 224-226) dos intelectuais procuravam redefinir a masculinidade, acenando com a necessária censura para algumas práticas presentes no universo masculino tradicional, que lhe conferiam significado. Por outro lado, valorizavam outros comportamentos que redefiniam a masculinidade e apontavam a relação do homem com o mundo da cultura escrita, da política, do trabalho e da paternidade, como elementos diferenciadores entre as novas formas de vivência da masculinidade e as tradicionais, delimitando as diferenças entre o masculino e o feminino. É sobre as formas que assumiram essa problematização da masculinidade no discurso dos literatos e como esses discursos eram consumidos, significados e incorporados pela sociedade que passaremos a tratar.

A definição dos novos modelos masculinos fundamentava-se nas idéias e na moralidade familiar burguesa, na divisão do espaço de ação social em esferas separadas; a casa se caracterizava como o espaço da privacidade, da intimidade entre os familiares, lugar de afetos, onde a mulher reinaria soberana e cumpriria sua função social de administrar o mundo doméstico, de educar os filhos, de ser a boa esposa, fiel, compreensiva e sempre pronta a seguir as orientações do esposo.

Os homens, por sua vez, teriam nos espaços públicos seu campo principal de ação, atuando no mundo dos negócios, nas disputas políticas, no mundo da cultura escrita, onde projetariam interesses e esforços em busca de conseguir os meios necessários para o sustento familiar. Esse é seu espaço vital, no qual marcam a identidade masculina, definem seu gênero, diferenciando-os do universo feminino.

Para os literatos, a nova masculinidade definia-se pela polidez, pela boa formação intelectual e cultural. Os novos homens seriam escolarizados, por isso mesmo caracterizados não só por uma relação com a cultura escrita, como também teriam o corpo moldado pela disciplina. São homens marcados pela cultura acadêmica, pelo saber científico que rompia com os valores e saberes tradicionais. Sua formação lhes traria o discernimento necessário para atuar na sociedade moderna, para ocupar funções públicas, para bem orientar a família e cumprir seu papel de provedor material, de responsável pelo sustento familiar. Esses novos homens seriam, segundo Neves (1985), os mais preparados para divulgar, no seio da sociedade, novos valores necessários para romper com o passado colonial percebido

agora como atrasado e rústico.

Dentro dos parâmetros expostos anteriormente, podemos situar alguns personagens masculinos construídos por Abdias Neves (1985), no romance *Um manicaca*, Começando por Praxedes, personagem que Abdias Neves apresenta como modelo paradigmático das novas posturas masculinas.

Praxedes é, na supramencionada obra, o modelo mais bem acabado desses novos padrões de masculinidade. Bacharel em Direito, homem culto, conhecedor das leis, da ciência e socialmente refinado; respeitado por sua formação acadêmica e pela maneira segura como se envolvia em disputas verbais e escritas, sempre sustentando com firmeza e competência sua argumentação; sofisticado ao ponto de não perder a cortesia diante dos adversários, polido, educado com as mulheres, incapaz de gestos rudes, incivilizados. Os bacharéis são também objetivados por Abdias Neves como homens detentores dos conhecimentos necessários para reformar a sociedade, para orientar a esposa e os filhos corretamente, afastando-os do erro, das superstições religiosas, das idéias infantis.

A formação de Praxedes deu-lhe o treinamento, a capacidade de conhecer o espírito humano; por isso sabe escolher com perspicácia a mulher que seria sua esposa; não se deixa levar pelas aparências, pela beleza externa; sabe escolher aquela que seria boa esposa e mãe, que saberia ser cordata, respeitando a orientação do marido. Para Abdias Neves (1985), a autoridade masculina sobre a mulher continuava inquestionável; no entanto, a fundamentação para essa autoridade mudava radicalmente. As posturas masculinas senhoriais, o servilismo da mulher ao homem, o controle masculino mantido através do uso da força física, da agressividade não teriam espaço no mundo moderno (Perrot, 1991, p. 124-125). O novo homem deveria fundamentar sua autoridade na melhor formação e no preparo intelectual.

Os literatos propõem modelos de masculinidade que seriam contrários aos padrões presentes no sistema familiar patriarcal, onde as figuras masculinas ocupavam não só a centralidade nas relações, mas também monopolizavam os interesses de toda a família, lançando mão, se necessário fosse, da força física e de certa violência para fazer valer sua vontade (Costa, 1999, p. 153-190; Muniz, 2003).

Contudo, os modelos de masculinidade enaltecidos apontavam para a construção de homens que continuavam a ter uma séria dificuldade em aceitar divergências de opinião e comportamento, fosse por parte da mulher fosse por parte dos filhos. Sob este aspecto, é este o comportamento de Praxedes; sua relação com a esposa é cordial, é serena, para que ela se resigna a aceitar sua orientação, a vê-lo como um homem capaz, preparado, passando a admirá-lo e respeitá-lo.

Na vida doméstica, não são as idéias da esposa que devem predominar, são as do marido. Este é mais culto, em geral mais talentoso, mais experiente. [...] ele tem, não digo o direito, digo a obrigação de dirigi-la, de encaminhá-la, como a encaminha em todos os atos da vida, desde a escolha de suas relações até o modo de educar os filhos (Neves, 1985, p. 200).

Nos trabalhos de Higino Cunha (1939), encontramos também a construção discursiva de trajetórias masculinas, particularmente em sua autobiografia. Nas imagens que tece sobre sua personalidade, sobre seu comportamento social estão expressas formas de dizer a masculinidade bastante ilustrativa do pensamento do autor e da forma como procurou construir sua imagem como homem moderno, educado, polido.

O mencionado autor, ainda quase criança, com apenas dez anos de idade, sai da casa paterna e inicia seu processo de individuação masculina, começando como aprendiz no comércio. Envolve-se com o mundo dos negócios, com a escrita comercial; ainda adolescente, é enviado a São Luís no Maranhão, para fazer os preparatórios e futuramente ingressar na Faculdade de Direito do Recife. Seu relato é tipicamente uma trajetória dos filhos homens dos grupos médios e de elite no Piauí no final do século XIX e início do século XX. Escolhido entre os irmãos como sendo o mais talentoso para o mundo das letras, soma esforços familiares e pessoais para ingressar em um curso de nível superior. O caminho é o de construção de um futuro que lhe pudesse trazer projeção social, que o encaminhasse na política, no exercício da advocacia, e que proporcionasse recursos materiais e sucesso nos espaços públicos. Esses seriam ganhos fundamentais para sua subjetivação masculina.

Em São Luís e, posteriormente no Recife, Higino toma contato com outra visão de mundo, com outros modelos de masculinidade urbana, com verniz de civilidade mais acentuado. A intensa vida cultural, participando da imprensa, assistindo a apresentações artísticas, o envolvimento com homens cultos, polidos fazem com que ele incorpore valores sociais, princípios filosóficos, todo um modo de vida urbano e civilizado, que iria moldando sua forma de subjetivação masculina.

Nesse mundo de homens de letras, as guerras e batalhas permitidas utilizam outras armas, as feridas não são feitas com a espada, mas com as palavras; a agressividade e violência masculina são agora canalizadas para um mundo de formas simbólicas, no qual idéias e palavras serão ferramentas e armas importantes. Neste sentido, a masculinidade afirmava-se pela capacidade de argumentar, de ser vitorioso em embates de idéias, por sua cultura e capacidade argumentativa. É assim que homens como Silvío Romero, Tobias Barreto, Clóvis Bevilacqua e Coelho Neto

são apontados como valorosos, brilhantes, admiráveis, símbolos dessa nova masculinidade.

A masculinidade nesse mundo de letrados, no qual ingressa Higino Cunha, é refinada, assumindo mesmo o gosto pela arte e pela música, adaptada a novas formas de sensibilidade. São homens cortados pela idéia de polidez, de civilidade, que se expressam de diferentes formas. Nas disputas em que se envolvem esses novos exemplares do sexo masculino não devem existir inimigos, mas adversários, que se batem por idéias, por posições políticas contrárias, em que a agressividade e a violência devem ser contidas e nunca extravasadas para a agressão corporal, para o uso da força física. Esse é o tipo de vivência social que devia ser valorizada por esses novos homens e que, segundo Higino Cunha (1939), era praticada no meio literário de Teresina. Ele próprio diz ter tido disputas e polêmicas com vários literatos, sempre mantendo pelos mesmos o respeito devido entre cavalheiros educados, dados ao trato das letras e que reconhecem e estimam o valor de cada um (Cunha, 1939, p. 57).

São homens que, quando comparados aos seus contemporâneos sertanejos, apresentam-se amolecidos, desfibrados, até mesmo com modos femininos. Homens que desenvolvem o gosto pela arte, particularmente pela música, como Higino Cunha, que se mostra um apaixonado pelo piano, gosto que desenvolveu no Recife, no contato com outros homens que se permitiam tais refinamentos de gosto e sensibilidade.

Por sua vez, estranhas ao meio sertanejo são também as idéias e a nova sensibilidade que Higino Cunha desenvolve e expressa de forma escrita, em seu texto intitulado: "Proteção aos animais". O menino que passava os dias nas redondezas da casa-grande paterna a armar arapucas, a fazer caçadas com os moleques de sua idade, mostra-se, ao tornar-se adulto e tomar contato com outras formas de cultura, permeadas pela escrita, envolvido com idéias de proteção aos animais, com a idéia de que a crueldade dispensada a outros seres constituiria um ato de barbárie, de incivilidade. Mostrava-se, dessa forma, capturado por novas formas de masculinidade, estranhas ao seu meio de origem (Queiroz, 1998a, p. 29-40).

A masculinidade nas sociedades modernas seria caracterizada ainda pela permissão que alguns homens se davam de viver experiências novas com relação aos aspectos afetivos. A paternidade surgia como lugar de afetos. Muitas vezes, as demonstrações de carinho por parte dos homens ainda eram veladas, mas faziam-se presentes na preocupação em registrar a imagem dos pequenos em fotografias, e mesmo de ofertá-las aos parentes.

As demonstrações de sensibilidade e afeto surgiam também nas relações entre os homens e as mulheres, segundo Clodoaldo Freitas (1921), os novos homens permi-

tiam-se viver experiências novas, valorizando o amor romântico. Clodoaldo enfatiza, em alguns personagens, seu caráter sensível. É o caso de Carlos, no romance *Por um sorriso*, rapaz bem educado, fino e sincero nos amores, nas relações afetivas com as mulheres, sabendo respeitá-las e amá-las. Deste modo, Carlos constrói a relação com Teresa, entrega-se a esse amor, coloca a mulher amada como centro de seu mundo, sua musa inspiradora, não tendo olhos para mais nada:

Um instante em que Teresa separava-se dele parecia-lhe um século. Seu ser absorvia-se no influxo do ser dela. Pensava que se ela lhe faltasse o sol lhe faltaria. Tudo quanto emanava dela tinha para ele seduções incriveis (Freitas, 1921, p. 13).

Fenelon Castelo Branco e Da Costa e Silva são dois outros exemplos de homens que se permitiam dar vazão aos sentimentos que nutriam pelas esposas. Nos dois casos, os versos são de saudade, de dor pela morte da mulher amada. O livro de Fenelon, *Anno de luto*, maio de 1901/maio de 1902, é uma coletânea com 35 poemas, escritos por ele durante os 12 meses seguintes à morte de sua mulher. Recém-casado, com apenas quatro meses de vida conjugal, Fenelon foi surpreendido pela prematura morte da esposa, a quem chamava de Nicota. Nos textos que compõem o livro, o tema recorrente é a dor de amor, é a saudade (Castelo Branco, 1902, p. 29).

Com relação a Da Costa e Silva, em *Imagens do amor e da morte*, o poeta também escreve poemas marcados pela saudade e pela dor da perda da mulher amada. Os poemas são caracterizados pela idealização do amor perdido, pelas dúvidas diante da vida futura. A casa e a convivência com a esposa são descritas de forma idealizada, como espaços de amores e afetos contínuos. A preocupação do poeta com relação aos filhos que perdiam a doce mulher, a mãe, completa o quadro de homem vinculado à vida familiar e conjugal, preocupado com o bem-estar dos filhos, com o seu equilíbrio emocional (Silva, 2000, p. 277-305).

Convém destacar, no momento, a liberdade com que esses homens expressam os sentimentos, sua dor pela perda da mulher; deixando-se levar pela sensibilidade, fato incomum no meio masculino, tendo em vista tratar-se de um território marcadamente feminino. As mulheres tinham mais liberdade, permitiam-se sonhar, desejar, criar ilusões e idealizações com relação ao amor. Para os homens mais arraigados aos modos de vida patriarcais, isso pareceria sintoma de amolecimento, de desvirilização; no entanto, passava a ser uma possibilidade de comportamento masculino que se legitimava socialmente.

As novas expressões de masculinidade, entretanto, assumiam, às vezes, conotações diferentes. Alarico, perso-

nagem criado por Clodoaldo Freitas (1921), no romance “Coisas da vida”, retratava aqueles homens que preferiam usar da cortesia, bons modos e boa educação para seduzir as mulheres. O jovem estudante necessitava das conquistas amorosas, era caçador nato, à procura de presas femininas, encantadas por sua polidez e gentileza, armas do seu talento de sedutor. Ele precisava da competição, dos jogos de sedução, para sentir-se conquistador. “[...] Amo todas as mulheres antes de conquistá-las. Pudessem ver uma por uma em meus braços, todas as mulheres formosas da terra, e, vos juro, amaria a todas” (Freitas, 1921, p. 28).

Convém enfatizar que as formas descritas até aqui retratam os modelos que os literatos construíam para os novos padrões de masculinidade, homens polidos, educados e com sensibilidade, no entanto, a masculinidade seria definida não só pelo que deviam ser os comportamentos, mas também pelas margens, pelo que era condenável, pelo que não se enquadraria nos parâmetros aceitáveis para os padrões masculinos disciplinados.

Ao direcionar o foco da análise para as práticas presentes na documentação, e que seriam definidoras da nova masculinidade, é possível perceber o quanto esse universo é multifacetado. No mundo da política e da disputa pelos postos de poder institucional, espaço de ação exclusivamente masculina nesse momento, os homens encontram campo de ação importante para a construção de sua identidade. Se o poder institucional, se a ocupação de cargos e funções públicas há muito eram espaços masculinos, não se caracterizando atividade social nova para os homens, ela se torna importante para a construção de sua identidade, por ser uma atividade central nos espaços públicos, nos quais os homens tinham seu campo de ação principal. Daí a funcionalidade dos discursos que significam as práticas masculinas, então hegemônicas, como rústicas, arcaicas, tradicionais, não adaptadas aos novos tempos. Os bacharéis, os literatos, estes sim seriam homens aptos, adaptados aos novos tempos. A eles deveria estar reservada a atuação política.

A nova relação que se firmava com o mundo da cultura escrita trazia a política para o centro dos embates na imprensa. O desenvolvimento da vida urbana trouxe ao jogo político também a necessidade de convencer a opinião pública das verdades das facções políticas; o que era feito, principalmente, através de discursos escritos nos jornais. Tornava-se cada vez mais admirado o articulista que sabia manobrar as idéias em forma de palavras escritas, usar o tom mordaz ou conciliador, dependendo do calor da discussão no momento.

A leitura dos jornais, das notícias políticas transformou-se em hábito masculino nas classes altas e médias que agora eram letradas. Seria através dos comentários masculinos que o resto da família dever-se-ia inteirar das ques-

tões políticas, dos interesses que estavam em jogo (Araújo, 1992, p. 58).

Através da imprensa, homens como Abdias Neves, Antonino Freire e Miguel Rosa irão fazer a exposição de suas idéias, formando opinião, lançando-se como nomes viáveis a carreiras políticas vitoriosas; e, ainda, onde Clodoaldo Freitas e Higino Cunha vão colocar sua capacidade literária a serviço do combate ideológico, das paixões partidárias. Por causa dessas paixões, a decantada polidez dos literatos, tão apregoada por Higino Cunha em sua autobiografia, foi, muitas vezes, esquecida, deixada de lado, para que a escrita assumisse seu viés mais ácido, mais incivilizado e mesmo descortês.

Teresinha Queiroz (1998b), ao discutir as práticas políticas no Piauí da primeira República, mostra que, diferentemente das imagens civilizadas, cordiais, que alguns literatos constroem sobre o relacionamento entre os que se digladiavam nos embates políticos, a realidade apontava para relações em que as demissões sumárias de cargos e funções públicas, as perseguições, obrigando os vencidos a afastarem-se do Estado em busca de espaço profissional e de sobrevivência material em outros lugares, e mesmo a violência física contra os adversários eram traços caracterizadores das práticas políticas no período. Quando somente as palavras não convenciam, não se mostravam eficazes, os métodos autoritários, antigos, as práticas condenáveis pela civilidade entravam em ação (Queiroz, 1998b, p. 302-305).

Bom exemplo do que dissemos anteriormente pode ser visto nas práticas de Miguel Rosa quando governador do Estado em 1912-1916. Moura Rego, que conheceu Miguel Rosa no interior do Maranhão, quando esse advogava uma causa de terras para seu tio Senho, o descreve como um homem fino, educado, advogado competente, que se destacava dos homens do meio sertanejo por sua polidez, delicadeza e bons modos, enquadrando-se perfeitamente bem no perfil de homem cidadão e bem formado. No entanto, esse mesmo homem descrito como polido, educado, cortes mostra-se capaz de tomar atitudes duras, autoritárias e desrespeitosas com os adversários políticos. É o mesmo Miguel Rosa que manda empastelar o jornal católico *O Apóstolo* que lhe fazia oposição e que persegue Higino Cunha, exonerado por ele do cargo vitalício de procurador dos Feitos da Fazenda Estadual, de professor do Liceu e da Escola Normal, vendo-se mesmo obrigado a migrar temporariamente para o Acre em busca de melhores condições de vida (Queiroz, 1998b, p. 301).

Esses níveis de agressividade, de violência, de detrações morais eram ainda usados pelos literatos, como justificativas para manter a política como assunto masculino. Só os homens seriam moralmente adaptáveis a esse nível de conflito e violência. O jogo da política enquanto

campo de ação masculina era jogado com o objetivo de anular o outro, de fazer calar quem incomodava. Os homens mostravam-se despreparados para conviver com as diferenças, com o desacordo de suas opiniões, a mentalidade senhorial e suas práticas ainda estavam fortemente presentes no cotidiano (Nolasco, 1993, p. 73-99).

Para os homens modernos, a participação em eleições continuava a ser prerrogativa masculina, as mulheres saberiam das disputas e dos interesses em jogo através da opinião do marido ou do pai. Conceder o direito de voto às mulheres seria romper com práticas tradicionais que delimitavam os espaços masculinos e femininos, seria dar mais um passo para subverter o ordenamento de gênero e provocar confusão nas identidades femininas e masculinas.

À reivindicação por parte das mulheres, em ingressar no âmbito público, os literatos respondiam negativamente, objetivando a política como algo sujo, imoral, em que as paixões e os interesses mais vis predominavam, havendo, dessa forma, incompatibilidade entre a política e a moral das mulheres.

A mulher política, a mulher eleitora ou candidata a cargos eletivos, nunca! E nós os homens, para que permitirmos que as mulheres se enfrontem nessa trama de degradações e de misérias, que é a política. A política que rebaixa o homem, que o subjuga, tirando-lhe o caráter e a vergonha, roubaria, de resto, todas as qualidades belas da mulher (Chaves, 1920, p. 9).

Outra argumentação contrária diz respeito à confusão que isso traria aos lares, à medida que as mulheres não cumprissem suas funções adequadamente, e mesmo quando buscassem ter opiniões próprias, argumentando com o marido, procurando convencê-lo das razões que justificassem sua escolha.

[...] Imaginem os senhores a complicação nos lares, quando o marido, vexado para almoçar porque já está sendo feita a chamada da eleição a que tem de ir, pedir providência à mulher, e esta lhe bradar aos queixos que também está vexada, porque igualmente vai votar [...] e quando as opiniões políticas divergirem votando a mulher em candidato contrário ao do marido? (Gazeta, 1927, p. 1).

Demarcar os espaços sociais masculinos e femininos era fundamental para os homens em um momento de transição, no qual o modo de organização familiar e os modelos sociais masculinos e femininos estavam sendo elaborados de forma diferente, nos discursos e nas práticas cotidianas. Daí o desejo de muitos homens em criar fronteiras bem definidas entre os campos de ação masculinos e femininos.

Esse desejo de definir espaços de atuação diferenciados para homens e mulheres aparece também nos escritos de Higino Cunha (1939). Na elaboração discursiva de sua trajetória, uma das grandes preocupações de Higino Cunha foi apresentar-se como homem de letras, como literato, como cidadão que participava ativamente do meio cultural da cidade, Higino Cunha foi membro fundador da Academia Piauiense de Letras, jornalista atuante, e professor do Liceu Piauiense e de muitas outras instituições. Ser dito como intelectual, como homem culto é um dos traços definidores de sua subjetivação. A participação no mundo das letras era um dos pontos centrais da nova identidade masculina: em primeiro lugar, demarcava a diferença com os modelos masculinos tradicionais, uma vez que quase a totalidade dos homens era apenas iniciada no mundo das letras; em segundo lugar, diferenciava-os também das práticas femininas, à medida que pouquíssimas mulheres enveredavam pelo mundo das letras, sobretudo pela prática da escrita em jornais.

A prática da escrita e a formação superior davam a esses homens notoriedade, respeito social, imagem pública de homens cultos. Muitos que não tinham a mesma possibilidade de escrever, de publicar, procuravam, pelo menos, participar como consumidores dessa produção cultural escrita, mostravam-se interessados nas discussões; eram leitores de jornais e livros, o que, nessa sociedade que começava a incrementar seus contatos com a cultura escrita, já lhes propiciaria um certo verniz de intelectualidade.

Essa identificação entre a masculinidade e a participação no mundo da cultura escrita levava mesmo alguns rapazes a procurarem iniciar-se no mundo das letras. É assim que Buggy Brito, em meados dos anos 1920, aproxima-se de Antônio Neves, um jovem literato de 23 anos que abrigaria à sua sombra jovens elementos que desejavam iniciar-se na literatura.

O Lábaro (jornal), que teria de ser mantido financeiramente pelos redatores circulou efetivamente em 1º de abril de 1926. O jornalzinho de jovens ia fazer sucesso na vida social da cidade, não só por que ia trazer versos e crônicas dos estreados, como porque a seção jornalística – cacos de vidro – era o veículo revelador dos namoros e das paixões de moços e moças do meio (Brito, 1987, p. 60).

Iniciar-se como literato em um jornal de jovens, autofinanciado, seria o início de um percurso que buscava a inserção no meio literário, buscava a subjetivação, a partir da construção dessa relação com o mundo da cultura escrita, da vida intelectual (Queiroz, 1998a; Magalhães, 1997).

Outro campo de ação masculino nos espaços públicos é o mundo do trabalho; no discurso dos literatos, a pre-

sença do engajamento no universo do trabalho tem uma ligação direta com a subjetivação masculina, é fator de elevação da auto-estima e de definição da masculinidade (Muniz, 2003, p. 128), tendo em vista que, nele, conseguiriam os recursos necessários para cumprir sua função de provedor. A relação masculinidade e trabalho é apontada mesmo como um dos pilares de sustentação da masculinidade no mundo da modernidade (Nolasco, 1993, p. 50-66).

A trajetória de Higino Cunha (1939) expressa a importância da relação entre a masculinidade moderna e o mundo do trabalho, pois, para ele, ser homem significava ser capaz de engajar-se no mercado de trabalho, de suprir as necessidades materiais daqueles que estivessem sob sua tutela e responsabilidade após o casamento e de constituir um patrimônio que trouxesse tranquilidade e estabilidade financeira à família que pretendia formar.

Clodoaldo Freitas (1905) também escritura, em vários momentos, essa relação entre homens e trabalho como um fator de afirmação da masculinidade. No romance “Memórias de um velho”, o trabalho é apresentado como fator de regeneração de um homem moralmente decaído, à beira da marginalidade. Através do personagem Milo, Clodoaldo enaltece o vínculo com o trabalho como algo dignificante e constitutivo da masculinidade. Milo, após sofrer vários infortúnios, como a perda de toda a família, a doença e ainda o abandono pela noiva, que viaja para a Europa, entrega-se ao mundo dos vícios, incorpora-se a um grupo de ciganos e passa a ter vida errante, até que, dizendo-se chamado pelos valores de família e de respeito ao trabalho aprendidos com a mãe, resolve mudar de vida.

Compreendi que devia arcar nobremente contra os revezes da sorte, e que só podia triunfar pela virtude e pela tenacidade na resistência e no trabalho porfiado. Entendi salvar-me com as minhas mãos e amassar a minha tortura com o suor de meu rosto [...] Sentia que dentro de mim, um altar iluminado, velava a imagem santa de amor de minha mãe, a lembrar-me de meus deveres de homem e a responsabilidade do nome honrado que usava. Compreendi que devia lutar energeticamente, para não ser tragado novamente pela onda do infortúnio. Tomada a resolução, precisava acertar na escolha de uma profissão honesta que me subministrasse o pão (Freitas, 1905, p. 15).

O trabalho seria o meio disponível ao personagem de Clodoaldo, para restaurar a auto-estima, incluir-se na sociedade, reafirmar sua masculinidade. Essa capacidade de cair socialmente, de entregar-se a uma vida marginal, desvinculada dos valores familiares, do mundo produtivo, dos quadrantes da ordem estabelecida, e soerguer-se através do trabalho surge, nos escritos dos literatos, como carac-

terística masculina, as mulheres são sempre tratadas como seres moralmente frágeis, incapazes de tal movimentação social sem a tutela masculina.

Os católicos também desenvolvem intensa prática escriturística, apontando a relação dos homens com o trabalho como uma relação legítima, necessária ao equilíbrio familiar e útil à sociedade. Dois aspectos são apontados como principais, nesse vínculo entre homem e trabalho: a aquisição dos recursos necessários ao sustento material da família, e o engajamento no sistema produtivo, como trabalhador disciplinado, que reproduziria a lógica do sistema, que seria ordeiro, conhecedor de suas possibilidades na sociedade e resignado diante das funções que lhe coubessem. Deste modo, sua dignidade estaria vinculada à relação com o mundo do trabalho, mesmo que a atividade desenvolvida fosse um ofício simples (Gaëta, 1991, p. 243-258).

Contudo, muitos homens terão ainda dificuldade de adequar-se ao trabalho urbano. Mentalmente ligados ao mundo patriarcal e suas práticas, relutam em adaptar-se às sociabilidades urbanas modernas, aos novos valores que devem estar presentes nos comportamentos masculinos. Muitos homens viriam a ter dificuldade em adaptar-se ao meio social de trabalho no qual possivelmente assumissem posições subalternas, sendo assim obrigados a obedecer. A herança patriarcal havia ensinado esses homens a dar ordens, a serem obedecidos e não a obedecer (Muniz, 2003, p. 56). O exemplo do pai de Bugyja Brito é ilustrativo desses homens do início do século. Eles têm resistência aos empregos, às funções em que recebem ordens. “Os empregos tinham chefes e, portanto, qualquer funcionário estaria sujeito à obediência regulamentar [...] quer-se ser obedecido, mas não se quer ser obediente” (Brito, 1977).

No caso relacionado do pai de Bugyja Brito, o que se destaca é a dificuldade de alguns homens em conseguirem adaptar-se ao meio urbano. Oriundos de grupos de elite em seus locais de origem, foram ensinados a mandar, a serem obedecidos e não a obedecer, a receber ordens. Obedecer a um superior seria, para esses homens, uma prática servil, e, deste modo, incompatível com sua formação. Por sua vez, o pai de Bugyja Brito é despedido do emprego da Farmácia Collect, pois não concordava com as exigências feitas pelo sócio do patrão. Outros homens não se subordinarão à rigidez de horários, às cobranças dos patrões, preferindo trabalhar como autônomos na atividade de guarda-livros, ou ainda abrir pequenos negócios de venda de alimentos e bebidas, sendo assim proprietários de seu próprio negócio. Essa foi a escolha do Sr. Antônio Nogueira Castelo Branco, originário de áreas rurais do Piauí, que migra para Teresina por volta de 1910. Ainda menino, aprendeu com familiares a prática comercial, assumindo, em seguida, a fun-

ção de guarda-livro. Torna-se depois proprietário de seu próprio negócio, um pequeno comércio de gêneros alimentícios e bebidas. Sobre o referido comerciante, os registros da memória familiar o apresentam como um homem que conseguira ter seu próprio negócio, que se vangloriava de ser pobre, mas não ter patrão, não receber ordens de ninguém, não ter horários a cumprir².

A prática escriturística dos literatos definem o mundo do trabalho como espaço masculino, também, ao negar, ao procurar deslegitimar a presença feminina nos espaços públicos e nas atividades produtivas ali desenvolvidas. Clodoaldo Freitas é enfático ao abordar o assunto da inserção feminina no mundo do trabalho:

Estamos em um momento em que a mulher entra conosco, resolutamente, na grande peleja pela vida e conosco se enxovalha na poeira das estradas, no foro, nas artes, nos hospitais, no comércio [...]. Tenho a propósito, teorias antigas e profundamente radicais no meu espírito. Quando encontro um virago, suponho tratar com um homem como eu, ou pelo menos com um ser epiceno. Adoro a esposa, a mãe, a irmã, a filha, mas olho sempre com prevenção invencível para essa espécie de macho, que não quer se conformar com os deveres do seu sexo (Freitas, 1996, p. 71-73).

O objetivo de Clodoaldo é desqualificar a presença feminina nesse espaço que se deveria caracterizar como definidor da masculinidade. No trabalho, o homem tornaria-se produtivo, útil, ganharia condições de tornar-se o provedor material da família, enquanto a presença feminina seria para eles fator de masculinização, de envolvimento com atividades que não eram compatíveis com o ser feminino, fato que provocaria confusão entre as identidades de gênero, na forma como era pensada pelos literatos do início do século.

A paternidade é outra das funções masculinas que ganha contornos novos nas propostas dos literatos. Nos espaços privados, os homens deveriam assumir os papéis de pai e esposo, e com eles algumas responsabilidades novas. O homem deveria assumir o comando da mulher e dos filhos, esse controle, porém, não deveria estar lastreado na coerção física, no possível uso da violência, sua autoridade deveria emanar da sua melhor formação, dos seus exemplos de vida, da sua dedicação a casa e aos filhos.

Nesta perspectiva, tanto para os livres-pensadores, como para os católicos, os homens deveriam assumir o comando da casa, encarnar a autoridade no seio familiar, assim como deveriam saber respeitá-la nas outras esferas da sociedade. O aprendizado do respeito às autoridades, ao

² O Sr. Antônio Nogueira Castelo Branco residiu em Teresina na primeira metade do século XX, e entre seus descendentes encontra-se o Senhor José Ferreira Castelo Branco, que nos transmitiu oralmente essas informações.

ordenamento familiar, onde cada membro era chamado a exercer funções específicas e a respeitar a autoridade paterna, serviria como exercício de respeito às autoridades constituídas da nação (Gaëta, 1991, p. 248). Afinal, o que se esperava dos homens era que fossem honestos, trabalhadores, avessos a qualquer tipo de sublevação ou desordem, que voltassem suas atenções e preocupações para a casa, para o cuidado com os filhos e a companhia da esposa. Para tanto, era preciso que se afastassem dos vícios, dos bares, dos salões de jogos, do alcoolismo e dos prostíbulo (Caes, 1995).

Vale assinalar que a paternidade ganha nos discursos dos literatos uma dimensão nova, onde o poder discricionário dos pais sobre os filhos tendia a diminuir, e uma nova forma de vivência, dessa experiência marcada por um viés mais afetivo, que não se manifestava necessariamente pela troca de carinhos, de afagos, mas que se traduziria muitas vezes em cuidados, atenções e preocupações quanto ao bem-estar e à formação da prole. As expectativas em fazer dos filhos futuros homens e mulheres úteis à sociedade, ordeiros, preparados para atuarem nos papéis definidos para o seu gênero, capazes de se engajarem na vida profissional e familiar, e aí obterem êxito, era uma expectativa que cada vez mais passava a povoar as cabeças masculinas (Muniz, 2003, p. 62).

Por outro lado, o discurso dos literatos também aponta os riscos que o envolvimento com o jogo e com o álcool traria para o desempenho dos homens no mundo do trabalho e, conseqüentemente, na prática de seu papel de provedor material da família. O álcool e o jogo surgem na prática escriturística dos literatos como uma ameaça ao exercício de uma masculinidade responsável, disciplinada, ordeira, voltada ao lar e à família.

Dessa forma, a vivência cotidiana em espaços de sociabilidade masculina, tais como os prostíbulo, os botequins e as salas de jogos de azar, prática desenvolvida por muitos homens da elite e dos grupos médios, desde a juventude, é condenada pelos literatos e pela Igreja. Nesses espaços, os homens desenvolvem a solidariedade e os jogos de masculinidade; encontram com seus iguais em ambiente sem as formalidades, sem as etiquetas, que impõem limites morais. Desenvolvem conversas, aprendem na convivência com os outros, trocam experiências, escutam histórias e se comportam como homens, falando de mulheres, gabando-se das conquistas, do seu potencial de macho conquistador, de vantajados dotes físicos, da força política de seus candidatos, das vantagens obtidas em algum negócio, mostrando-se mais macho, mais viril, mais esperto, mais resistente ao álcool, procurando ser superior aos que se deixavam inferiorizar. Sempre prontos, nessa disputa velada com os outros homens, a enaltecer os aspectos que lhes interessassem e onde supostamente fossem superiores. Entretanto, esses espaços eram para eles também espaço de camaradagem, de brincadeiras,

de convivência agradável entre amigos que se consideravam, onde os mais sensíveis e mais inspirados poderiam recitar poesias em voz alta, fazer discursos inflamados, contar piadas picantes. A possível presença feminina possibilitaria ainda que os homens mostrassem seus dotes de conquistadores, assumindo posturas desinibidas e toda a sua desenvoltura no trato com as mulheres.

Esses espaços de sociabilidade masculina vão diretamente contra a moral familiar moderna, uma vez que os modelos apontam para um homem contido, voltado ao trabalho produtivo, às relações familiares, às responsabilidades como pai e marido. O envolvimento com o álcool, com o jogo e com as prostitutas era o inverso do que se esperava dos homens modernos. Eles passariam a ser alvo de um discurso moralizador, elaborado por médicos, religiosos e outros que se engajavam em campanhas de moralização e que viam nos vícios elencados anteriormente um meio de degeneração física e moral do homem e da família.

Sob este aspecto, tentava-se convencer os homens de que o jogo, o álcool e as prostitutas os levariam ao não cumprimento de seus papéis de provedor material da casa, posto que se entregar a esses vícios era colocar o bem-estar da família em risco. O homem, através do envolvimento com prostitutas, poderia contaminar-se com doenças sexualmente transmissíveis e, em seguida, infectar a mulher e os filhos. O álcool e o jogo poderiam levá-lo a gastar os recursos que seriam utilizados na manutenção da casa, na alimentação e educação dos filhos, levariam-no a uma perda da noção de limite, possivelmente tornando-o um mau trabalhador, improdutivo e mesmo passível de perder o emprego (Matos, 2001).

O exemplo de Higinio Cunha é bastante esclarecedor; ele conhece os males que os vícios trariam às relações familiares, mas, como relata na autobiografia, entrega-se ao vício do álcool e do jogo: “persisti durante três anos e fui obrigado a abandonar para sempre o jogo de cartas, malferido na bolsa e na reputação, convenci-me da minha incapacidade para tão arriscado mister” (Cunha, 1939, p. 76).

A relação de Higinio Cunha com o jogo e com o álcool mostra ainda a ambigüidade presente nas trajetórias masculinas, pois, mesmo homens que passaram por um processo de escolarização, que se tornaram educados, que sabem dos males que o jogo, o álcool e a convivência com prostitutas poderiam acarretar para o modelo familiar, que incorporavam como seu, não conseguem desvencilhar-se e fazem uso da dupla moral presente na sociedade em favor dos homens. As ambigüidades características da trajetória de Cunha mostram tanto as diferenças entre práticas e discursos, na constituição do modelo de masculinidade burguesa, quanto os limites da disciplinarização. Isto porque os próprios homens que combatem os jogos, as bebidas, a pros-

tuição, em favor de um modelo de homem ordeiro, polido, trabalhador, disciplinado, pai e provedor familiar, experienciam as práticas condenáveis.

Os literatos definiam a nova masculinidade também pelas margens, ou seja, pelo que não devia ser, o que, ao mesmo tempo, ilustra o perfil multifacetado da vivência cotidiana da masculinidade no período. É, principalmente, nos trabalhos de Abdias Neves (1985) e Clodoaldo Freitas (1909) que encontramos relatos e personagens exemplares dessas formas de vivência da masculinidade, tipos de homens que não se enquadravam nos modelos desejados. Neves define assim o personagem Antônio Araújo. No romance, Araújo incorpora uma masculinidade decaída: homem fraco, desfibrado, sem vontade própria, a tudo cede, não conseguindo impor-se no trabalho, nem em casa, enquadrando-se perfeitamente bem no papel de manicaca, de homem dominado pela mulher. Enquanto pai, era uma figura relapsa, não demonstrando nenhuma preocupação com a formação, nem com o futuro da filha. Seu corpo envelhecido é fraco diante da mulher jovem; não conseguia satisfazê-la sexualmente, não conseguia a firmeza de caráter para controlar seus impulsos, para dominá-la nem mesmo dentro de casa. Sobre sua relação conjugal, a personagem faz a seguinte reflexão:

Usarei da minha autoridade de chefe de família. É preciso usar de certa energia. De que me serve andar de calças?

– *Teve um sorriso triste de desânimo.*

– *O chefe! Sou o chefe, mas apenas de nome. É ela quem dirige tudo e manda sobre minha pessoa. É ela o marido, a mulher sou eu.* (Neves, 1985, p. 88).

A postura do personagem Araújo, na forma como representada no romance de Abdias Neves, era incompatível com a expectativa que se tinha para um homem, como ele próprio deixa claro na sua fala, quando expressa sua fraqueza, fragilidade, falta de pulso e de firmeza de caráter. Como ser o chefe da família, como controlar e orientar a todos no espaço doméstico com tamanha debilidade física e moral? Tais comportamentos masculinos levariam, segundo os literatos, as demais pessoas da casa, como, no caso, a esposa Júlia, a incorrerem em falhas morais graves. Para Abdias Neves (1985), a responsabilidade pelos desregramentos morais da moça era em grande parte do marido, que não se impunha como homem, que não se mostrava viril e forte o suficiente.

As relações familiares eram muitas vezes marcadas por práticas masculinas que não eram condizentes com os modelos modernos, muitos homens continuavam a reproduzir o universo senhorial. Acreditavam que a casa, os pro-

blemas domésticos, a criação dos filhos eram problemas das mulheres, que eles nada tinham a ver com eles, desconsideravam a paternidade como lugar de afetos, e faziam mesmo questão de explicitar isso como uma forma de confirmar sua masculinidade para o grupo de homens de suas relações (Nolasco, 1993, p. 88).

O cronista do jornal “Correio de Teresina”, em um texto, abordando as relações conjugais, explicita como muitos homens da sociedade em análise encaravam as obrigações familiares:

Bem sabes que, em Teresina, cada um de nós procura esconder do outro o apego ao lar. Cada qual quer parecer mais livre, mais senhor, mais homem. Adorar a família, repartir com a mulher os direitos de fidelidade e de carinho é ser manicaca, e ser manicaca é expor-se aos alfinetes do ridículo.

O medo de ser enquadrado como manicaca³, de ser ridicularizado como um homem fraco, incapaz de controlar os ímpetos da mulher, de manter a casa sob seu comando, levava alguns homens a manterem distanciamento afetivo da família.

Os jogos de sedução faziam parte também das práticas que davam identidade a muitos homens. As conquistas amorosas se iniciavam ainda na juventude, período marcado pelo aprendizado da vivência da sexualidade e da afetividade, onde a infidelidade e a multiplicidade dos amores era a regra por excelência. Tais relações não respeitavam regras sociais, não faziam distinção quanto a procedência social das mulheres a serem conquistadas. O que realmente importava era a liberdade com que os rapazes transitavam pela cidade, freqüentavam os bailes de subúrbio, onde passavam as noites a dançar, a ter encontros íntimos nas proximidades, onde a escuridão da noite favoreceria a vivência de intimidades. Se muitos desses amores não passavam de brincadeira, de aventuras furtivas e sem conseqüências, em outros casos a continuidade dos encontros poderia levar a relacionamentos mais duradouros, em que o nascimento de filhos bastardos seria uma possibilidade.

Os envolvimento dos rapazes de elite com prostitutas ou com mulheres que se permitiam viver fora dos padrões morais socialmente impostos colocava muitas vezes em risco os interesses e planos familiares, que alimentavam para o jovem rapaz um casamento com uma sua igual, possivelmente uma prima, o que favoreceria a continuidade do prestígio social familiar. Por outro lado, para muitas moças pobres, tornar-se uma mulher tida e mantida por um homem rico poderia ser um caminho, se não de ascensão social, pelo menos da conquista de certa proteção que lhe proviesse a subsistência. Diante de tal realidade, podemos afirmar que nem

³ Manicaca era um termo muito utilizado em Teresina, no final do século XIX e início do século XX, para designar os homens controlados pela mulher.

sempre as investidas da família com o objetivo de enquadrar os rapazes nos modelos familiares previamente estabelecidos como desejáveis se concretizava.

Vale aqui destacar os relatos da Sra. Maria, operária de uma Indústria Têxtil em Teresina, que, aos treze anos de idade, foi escolhida para recepcionar o filho do proprietário da fábrica, na sua triunfal volta dos estudos superiores em Farmácia. Estes ilustram o desfecho que as práticas juvenis masculinas poderiam ter. Para o desgosto da família do rapaz, ele caiu de amores pela operária, fazendo dela sua amante e, em seguida, sua esposa.

O caso da Sra. Maria mostra uma possibilidade de desfecho dessas relações; contudo, o mais provável é que inúmeros rapazes tenham passado pelas mesmas experiências que o jovem farmacêutico, sem legitimar as relações, por haver incorporado os valores do seu grupo social, não fazendo confusão entre moças para casar e para ter relações extraconjugais.

Acostumados a viver com relativa liberdade, os homens não se iriam enquadrar facilmente nos modelos definidos conforme os esperados para homens casados. Deste modo, vão buscar conciliar a vida de casados com a frequência a bordéis, aos salões de jogos, ou mesmo dando continuidade aos jogos de sedução, nos quais mulheres solteiras, ou mesmo casadas, seriam assediadas. No conto *O dedo de Deus*, Clodoaldo Freitas (1909) relata as artimanhas do Sr. Sepúlveda, homem rico, casado, que, após aproximações, presentes, galanteios e promessas, consegue conquistar uma moça chamada Filoca, filha da Sra. Eleutéria, sendo Filoca apenas uma das muitas aventuras amorosas nas quais o Sr. Sepúlveda se envolveria.

Tais aventuras nem sempre terminavam sem graves conseqüências, muitas vezes o assédio às mulheres casadas ou solteiras era percebido como grave fator de desonra para o marido, para os pais ou outros membros familiares masculinos, o que poderia levar a atitudes violentas. A defesa da honra familiar, o uso da força física e da agressividade seriam também atitudes que, de alguma forma, reconstituiriam a honra familiar, a auto-estima masculina ultrajada pelas audácias de um D. Juan. A traição seria percebida como forte fator de desvirilização, de fragilidade, de negação e inferiorização da masculinidade do homem traído e de afirmação da superioridade do conquistador. Nessa disputa de machos, a eliminação física do rival ou da mulher poderia, algumas vezes, ser o caminho escolhido.

Em síntese, o período em análise consiste em momento de transição, no qual temporalidades diversas convivem no meio social, e mesmo que a escriturística masculina diga que os homens eram capturados por novas possibilidades de vivenciar a masculinidade, estes ainda se deixavam levar por caminhos diversos aos da disciplina, aos de uma relação mais estreita com a cultura escrita.

Afinal, podemos concluir que mais uma vez impõe-se a diversidade. O projeto dos literatos era definir novos modelos de masculinidade, de procurar capturar os homens dentro de novas propostas, utilizando para tanto estratégias discursivas, expressas em um processo de escolarização. Contudo, estratégias, como a divulgação de novos saberes e novas propostas para a vivência da masculinidade, a condenação de práticas que tradicionalmente davam significado à masculinidade na sociedade não conseguem estabelecer-se de forma hegemônica. O exemplo de Higino Cunha (1939), homem que se diz capturado pelas novas propostas de masculinidade e que, ao mesmo tempo, se entrega aos vícios do jogo e do álcool, mostra ainda que o consumo das novas idéias não se dava de forma homogênea, integral. Ao que nos parece, a diversidade predomina, pois o que observamos é a convivência de diferentes modelos e temporalidades. Desta forma, ao lado das práticas respeitadas com os adversários convive também a violência nos pleitos eleitorais, ocorrendo até o envolvimento de grupos armados, espancamentos, empastelamento de jornais, que faziam oposição aos vencedores. Ou, ainda, ao lado de homens que se mostravam preocupados com os filhos, com a boa formação, demonstrando sensibilidade e afeto para com os familiares, conviviam homens que assumiam práticas diferentes, que significavam esse modelo de masculinidade ordeira, disciplinada como algo desvirilizador, temendo mesmo a idéia de serem percebidos e ditos como manicacas.

Referências

- ARAÚJO, R.M.B. 1992. *A vocação do prazer*. Rio de Janeiro, Rocco.
- BRITO, B. 1977. *Narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro, Folha carioca.
- BRITO, B. 1987. *Traços em cinco biografias*. Rio de Janeiro, Folha Carioca.
- CAES, A.L. 1995. *Da espiritualidade familiar ao espírito cívico: a família nas estratégias de reestruturação da Igreja (1890-1934)*. Campinas, SP. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual de Campinas.
- CASTELO BRANCO, F. 1902. *Ano de luto (maio 1901 - maio 1902)*. Picos, Tipografia do Município, dez.
- CERTEAU, M. de. 1996. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Vozes.
- CHAVES, A. 1920. O feminismo em Teresina. *O Piauí*, XXXI(433):9.
- COSTA, J.F. 1999. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal.
- CUNHA, H. 1939. *Memórias (traços autobiográficos)*. Teresina, Imprensa Oficial.
- FREITAS, C. *Em roda dos fatos*. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves.
- FREITAS, C. 1905 Memórias de um velho. *Jornal pátria*, IV(230):15.

- FREITAS, C. 1909. O dedo de Deus. In: *Escritos de Clodoaldo Freitas*. São Luis
- FREITAS, C. 1921. Por um sorriso. *Correio do Piauí*, I(10):13, Outubro.
- FREITAS, C. 1921. Por um sorriso. *Correio do Piauí*, I(23):28, Outubro.
- GAËTA, M.A.J.V. 1991. A Deus, à Igreja, e à Pátria: os estandartes da família católica no século XIX. *História*, 11:243-258.
- GAZETA. 1927. Comentos e notas, Teresina, ano XVII, fev., n. 762, p. 01- 17.
- MAGALHÃES, M. de S.R. 1997. *Literatura piauiense: horizontes de leitura e crítica literária*. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves.
- MATOS, M.I. 2001. *Meu lar é o botequim*. São Paulo, Nacional.
- MUNIZ, D. 2003. *A invenção do falo*. Maceió, Catavento.
- NEVES, A. de C. *Um manicaca*. Teresina, Projeto Petrônio Portela.
- NOLASCO, S. 1993. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro, Rocco.
- PERROT, M. 1991. Figuras e papéis. In: M. PERROT, *História da vida privada*. Vol. 4, São Paulo, Companhia das Letras.
- QUEIROZ, T. 1998a. Homens, animais e sensibilidades. In: T. QUEIROZ, *Literatura, história e sociabilidades*. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves.
- QUEIROZ, T. 1998b. *Os literatos e a República*. Teresina/João Pessoa, EDUFPI/Editora Universitária – UFPB.
- SILVA, D.C.e. 2000. *Poesia completa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.